

Amigxs do Cinema, *Sujeitos e Territórios*,

Essa sexta (10/05) exibiremos e conversaremos sobre dois filmes:

"O CONTO DO BURRO AMARELO" (dir. Diana Mendes, 30', Brasil, 2017)

Sinopse: "Ao tentar resgatar as memórias de seu avô sobre o misterioso retrato de um burro amarelo, a neta depara-se com recordações de sua própria infância."

"A TERCEIRA MARGEM" (dir. Fabian Remy, 57', Brasil/França, 2017)

Sinopse: "Thini-á deixou sua tribo Fulni-ô com quinze anos de idade. Há trinta anos, vive nas metrópoles do Brasil. Nesse documentário, viaja pelo Brasil Central em busca do passado de João Kramura, filho de sertanejos roubado e criado pela tribo Kayapó durante a Marcha para o Oeste de Vargas. Durante a viagem, inspirado pela saga de João, Thini-á compartilha dúvidas e reflexões a respeito de uma decisão que pode mudar sua vida." Trailer: <https://vimeo.com/241094990>

SALA INTERARTES do IACS (Rua Prof. Lara Vilela, 126, São Domingos, Niterói)

Começaremos às 14:30 (tentem chegar antes, a sala abre por volta das 14h).

\*\*\*

No último encontro (03/05) fizemos a seguinte dinâmica:

- Nos organizamos em uma roda.
- Cada um devia bater palmas independentemente e *de olhos fechados*.
- O objetivo era que o grupo sincronizasse as palmas a partir da escuta.
- Uma pessoa ficou de fora, com um gravador e um fone de ouvido, livre pela sala para registrar os sons.

Fizemos isso seis vezes. Em algum momento o grupo se entendia, encaixava um ritmo, e a partir dali a sincronia não era mais quebrada. Tudo sem nenhuma referência ou liderança, mas como uma autogestão que surgiu a partir da nossa necessidade de resolver um problema dado. As palmas se tornaram uma base sonora para a configuração do espaço, e, assim, outros sons também entraram na roda. No momento da escuta e conversa sobre as gravações, percebemos que alguns ritmos surgidos lembravam músicas específicas como *We Will Rock You* (Queen, 1977); já a exploração do espaço, em momentos como quando uma gravação ocorreu fora da sala, nos colocou em contato com uma dimensão documentária do Cinema: tínhamos falado rapidamente sobre o que significava desvincular a gravação do som do

registro de imagens, utilizando equipamentos separados para cada um. Essa separação trouxe possibilidades imensas para um Cinema que se propunha a ser marcado pela realidade.

André Bazin, teórico importante do campo, falou sobre isso em relação a um momento histórico do Cinema chamado “neorrealismo italiano”, caracterizado pelos filmes produzidos na Itália durante o pós-guerra, a partir de *Roma, Cidade Aberta* (dir. Roberto Rossellini, 1944). Esses filmes, às vezes portadores de personagens e outros elementos ficcionais, traziam em si muito da realidade italiana. Diz Bazin, "por falta de equipamento técnico, os diretores foram obrigados a gravar posteriormente o som e o diálogo [“refazê-los” em estúdio]: perda de realismo. Livres, porém, para brincar com a câmera sem relação com o microfone, eles aproveitaram para estender seu campo de ação e sua mobilidade, de onde veio o acréscimo imediato do coeficiente de realidade.” (Trecho do texto "O realismo cinematográfico e a escola italiana da Liberação". Pp. 233-257 do pdf no fim desse email).

Isso se tornou especialmente importante aqui no Brasil. Nosso Cinema é muito bom em fazer *som direto*, quer dizer, em fazer uma filmagem em algum lugar e em registrar lá mesmo o som que será utilizado no filme, sem precisar regravá-lo em um estúdio para que ele fique claro o suficiente. Essa prática nos permite registrar um evento que não se repete e capturar um certo *espírito do tempo* através do som: entramos em uma manifestação, em uma carreata, em um evento qualquer, com nossos equipamentos de sons e de imagens, livres para caminhar e buscar o que interessa.

Um conceito conhecido no mundo da escrita e da contação de histórias é o de “ponto de vista”. Uma história pode ser contada pelo ponto de vista de um personagem ou de outro, destacando apenas aquilo que ele viu dos acontecimentos. No Cinema já podemos falar de um “ponto de escuta”. Por um lado, a câmera se posiciona em um lugar e vê tudo a partir daquele ponto, mas ignora todo o resto; por outro lado, os microfones também se posicionam e fazem seus registros a partir daquele lugar, ignorando da mesma forma o resto. Algumas vezes, os microfones do gravador foram apontados para apenas uma pessoa da roda, destacando suas palmas no meio de todas as outras; outras vezes, ouvíamos sons mais “abafados” quando o gravador estava mais próximo do chão; ou então o momento em que o gravador saiu da sala, ou quando começou fora dela e veio se aproximando aos poucos. São maneiras específicas de ouvir e de registrar um certo evento singular: pontos de escuta.

Eduardo Coutinho, grande documentarista brasileiro, tem uma fala sobre o poder da câmera e do ponto de vista. Podemos estender a fala dele sobre a câmera também para os microfones e gravadores dentro de um Cinema documentário: "Você tem uma câmera na mão, um instrumento de poder. Mesmo falando com um general no período da ditadura, você tinha um poder sobre ele que era dado pela câmera, ainda que não pudesse utilizar publicamente esse material, sob o risco de tortura, mas um dia você poderia utilizá-lo. Você, quando tem uma câmera, pode deformar essa pessoa do ponto de vista da lente usada, mostrar uma verruga, mostrar um defeito físico ou coisa que o valha; você tem um ângulo da câmera que pode ser

para baixo ou para cima e que também pode derrubar essa pessoa, isto é, conotá-la pejorativamente." Coutinho, aliás, aborda a questão do som no restante do texto (que é ótimo para pensar o assunto). Fica a recomendação de “O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade”, pdf: <http://bit.ly/2Lp6DwH>.

Fizemos ainda um dispositivo baseado na nossa apresentação que abriu o encontro (nome e um lugar em que se sente confortável):

- Encontrar um objeto que começa com a mesma letra que o seu lugar.
- Tirar uma fotografia dele.
- Pensar em relações entre o objeto e o lugar e tentar colocar isso na imagem.

Foi interessante como essa proposta causou uma exploração do espaço do IACS. Enquanto algumas pessoas tiveram ideias assim que ouviram o dispositivo, outras caminharam, observaram um pouco o que tinha por aí. Extraímos muito do processo, um tanto aventureiro, de buscar no externo a exploração do interno. Terminamos, na verdade, com muito mais fotos do que a proposta pedia, mas isso acabou trazendo para o dispositivo algo fundamental do Cinema, que é a ideia de montagem. Uma imagem sozinha não carrega a mesma significação que carrega quando colocada junta de outras. Podemos pensar em ordens específicas, em relações de choque, de complementação, de oposição entre elas; ou ainda em temas que perpassam e que estabelecem algo comum, o que apareceu no último encontro: tivemos duas sequências, uma perpassada pela ideia de “água” como um lugar confortável, e outra pela ideia da multiplicidade de mundos possíveis trazidos pela escrita. Nos dois casos são coisas um tanto abstratas que conseguimos materializar na imagem – algo que, na verdade, vale para todas as fotos que fizemos, já que todas tomaram como ponto de partida uma relação entre nós, que tiramos a foto, e um lugar confortável que existe no mundo: *sujeitos e territórios*, de alguma maneira. *Como fotografar uma relação?* Baita questão, mas, bem, conseguimos.

PASTA NO DRIVE COM O MATERIAL QUE PRODUZIMOS:  
<https://drive.google.com/drive/folders/1wqaMdD5MlqIQiwB5vI5iv7Y7kcDW8s5T?usp=sharing>

Recomendações caso alguém queira ler mais sobre os assuntos que surgiram no texto:

– <http://bit.ly/2Y67NQI> Capítulo 6.3 "A escuta: a auricularização", pp. 172-175, do livro “A Narrativa Cinematográfica”, de André Gaudreault e François Jost. Texto sobre “ponto de escuta” (que os autores chamam de “auricularização”).

– <http://bit.ly/2LoHlix> “O mito do Cinema Total”, texto célebre do André Bazin sobre a relação entre Cinema e um certo ideal de que essa é uma arte destinada a apreender a realidade. Contido na coleção “O Cinema: Ensaio”, pp. 27-31 (nota: páginas 32 e 33, do texto "O cinema e a exploração", estão faltando nesse pdf).

Obrigado pela presença,  
beijos.

Keven e Vinícius.